

# Orquestra Gulbenkian

Tianyi Lu  
Jay Campbell



**02 out 25**

**02 out 25** QUINTA 20:00

GRANDE AUDITÓRIO

## **Orquestra Gulbenkian**

**Tianyi Lu** Maestra

**Jay Campbell** Violoncelo

### **Andreia Pinto Correia**

*Reverdecer, concerto para violoncelo e orquestra* c. 24 min.

1. *Solenne, sospirando*
2. *Lacrimoso, quasi recitativo*
3. *Agitato*

INTERVALO

### **Dora Pejačević**

*Sinfonia em Fá sustenido menor, op. 41* c. 48 min.

1. *Andante maestoso – Allegro con moto*
2. *Andante sostenuto*
3. *Scherzo: Molto allegro*
4. *Allegro appassionato*

# CRIVO – Festival Mulheres Compositoras

Inteiramente dedicado às obras de compositoras de vários países do mundo, incluindo Portugal, esta primeira edição do CRIVO celebra a música composta por mulheres, da Idade Média ao presente.

Com o apoio da Caixa Cultura/Caixa Geral de Depósitos, Câmara Municipal de Lisboa, FLAD, DGARTES, Universidade de Lisboa, MUHNAC, Carpintarias de S. Lázaro, INET-md / NOVA FCSH, Goethe Institut e Fundação Calouste Gulbenkian, e com direção de Luísa Correia da Silva e curadoria musical de Inês Thomas Almeida, o CRIVO homenageia o trabalho de cerca de trinta compositoras, que vão desde Cássia de Constantinopla a Ângela da Ponte e Andreia Pinto Correia, de Eleonora d'Este a Guilhermina da Prússia, Kaija Saariaho, e muitas mais, dando a ouvir uma versão mais matizada e completa da História da Música.

O CRIVO resulta da triangulação entre investigação científica, ensino académico e disseminação de conhecimento para o público alargado. Procura desmistificar a ideia de que as compositoras não existem, ou são poucas, ou ainda que teriam escrito

apenas pequenas peças sem relevância para o desenvolvimento e transformação dos estilos e formas musicais.

Pelo contrário, a investigação mostra que há um número impressionante de compositoras que deixaram uma vasta produção musical, muitas delas premiadas e reconhecidas em vida, e cuja exclusão do repertório corrente não se deveu a qualquer menoridade artística. A par da necessária reflexão sobre os obstáculos e preconceitos historicamente colocados às mulheres, quer para o exercício da composição, quer para a divulgação das suas peças, o CRIVO pretende simultaneamente facilitar ao grande público o acesso a esta música de grande qualidade.

A qualidade é, de resto, a grande razão de ser deste festival: as peças apresentadas ao longo do CRIVO não devem ser ouvidas porque foram escritas por mulheres (essa foi a razão para que muitas fossem historicamente excluídas). Devem, sim, ser ouvidas, por serem muito boa música.

INÊS THOMAS ALMEIDA

# Andreia Pinto Correia

(Lisboa, 1971)

## *Reverdecer, concerto para violoncelo e orquestra*

COMPOSIÇÃO 2019 / 2023

ESTREIA Lisboa, 12 de outubro de 2023

DURAÇÃO c. 24 min.

Natural de Lisboa e radicada em Nova Iorque, Andreia Pinto Correia tem um percurso artístico reconhecido internacionalmente. Tem recebido encomendas de orquestras como a Boston Symphony Orchestra e a New York Philharmonic – da qual resultou a obra *Os pássaros da noite*, estreada em março de 2022 sob direção do maestro Gustavo Dudamel – ou, mais recentemente, a Los Angeles Philharmonic, para a qual escreveu *Cortejo*, estreada em 2024 pelo mesmo maestro. Recebeu o Prémio de Artes e Letras da Academia Americana de Artes e Letras, o Prémio Guggenheim, e recentemente o *Sorel Award* da American Composers Orchestra, American Composers Forum e Sorel Foundation, entre muitos outros. Lecionou na Universidade de Princeton, no New England Conservatory of Boston e na Universidade do Indiana como Professora Associada Convidada. Foi curadora no Institute for Advanced Study, em Princeton, e *Fellow* pela Australian National University, em Camberra. Da sua extensa produção contam-se peças para orquestra, grande ensemble, música de câmara, instrumento solista, vocais e corais.

Há na música de Pinto Correia um gosto marcado pela reflexão, uma observação do mundo que, não sendo necessariamente

autobiográfica, se prende de forma intrínseca ao seu percurso pessoal. Criada num ambiente intelectual (a mãe, Maria Assunção Pinto Correia, Professora na Faculdade de Letras, especialista em literatura de exílio, foi autora de inúmeras traduções para o português de obras de Goethe, Klaus Mann e demais nomes da grande literatura germânica; o pai, João David Pinto-Correia, foi Professor Catedrático na Universidade de Lisboa, Diretor do Centro de Tradições Populares Portuguesas, especialista em romanceiro oral da tradição portuguesa e um dos fundadores da Universidade da Madeira), Andreia Pinto Correia mostra uma grande permeabilidade à literatura, à pintura, à filosofia, uma curiosidade a estímulos que lhe suscitam reflexão por intermédio musical. São exemplos *Dalla legenda aurea* (2016), para conjunto de câmara, baseada em frescos da Igreja de São Francisco de Arezzo, pintados em meados do século XV por Piero della Francesca; ou as obras orquestrais *Xântara* e *Elegia a Al-Mu'tamid* (ambas de 2011), ancoradas no gosto pela literatura e tradições ibéricas e andaluzas.

A sua música tem uma forte componente contemplativa, com grande atenção dada aos detalhes, ao timbre e ao elemento do tempo. É nessa intersecção entre o tempo, o percurso e a memória que encontramos

*Reverdecer*, uma encomenda da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo e da Fundação Calouste Gulbenkian, onde foi estreada em 2023. Escrita para o violoncelista Jay Campbell, que a tocará no concerto de hoje, esta peça, que a compositora descreve como uma viagem de emoções, recordações, saudade e esperança, é dedicada em primeiro lugar à memória dos seus pais.

Partindo da palavra que dá nome ao concerto, Pinto Correia explorou a ideia de algo que renasce e se revigora, num sentido simultaneamente prospetivo e retrospectivo: a promessa de nova força projetada para o futuro, e a recriação de uma memória, porventura nostálgica, moldada pelas próprias vivências. Estes dois tempos – passado e futuro – coexistem em simultâneo e organizam musicalmente a peça, na qual sentimos de igual forma a dualidade entre um movimento direcionado (de aqui para a frente) e outro circular (de revisitação e re-imaginação).

Uma linguagem essencialmente microtonal no violoncelo (muito perceptível na sensação do arrastar, sem hiatos, de uma altura de som para outra), distinta da linguagem da orquestra (da qual vai emergindo e submergindo), assegura esta ideia de simultaneidade temporal. A escrita é extraordinariamente expressiva,

com uma rica variedade sonora e tímbrica, através da qual a compositora recria – ou reverdece – o material musical.

Do ponto de vista formal, temos três andamentos, sensivelmente com a mesma duração e articulados entre si por brevíssimas pausas. O primeiro (*Solenne, sospirando*) começa no registo grave e “vai brotando das profundezas da terra, como uma planta que brota”, nas palavras de Pinto Correia. À ideia de gènesese segue-se um movimento circular da orquestra, esvoaçante, interpolada por um rasgo impetuoso do violoncelo. No segundo andamento (*Lacrimoso, quasi recitativo*) predomina a calma e uma certa reflexão contemplativa, pautada ora por sinos, ora pela criação de diferentes momentos orquestrais de tensão e ameaça, enquanto o violoncelo mantém um registo de enorme intensidade poética, lembrando o desfiar de um rol de memórias, por vezes antropomórfico (ou antroposónico...), como se de lamento humano se tratasse. No terceiro andamento (*Agitato*) acentuam-se os tempos diferentes entre orquestra, que pontua o discurso, e o solista, possuído por uma urgência fremitosa. A massa orquestral vai-se adensando, terminando com um crescendo arrebatador que logo se extingue, enquanto o violoncelo prossegue o seu caminho infinito em direção à luz.

# Dora Pejačević

(Budapeste, 1885 – Munique, 1923)

## Sinfonia em Fá sustenido menor, op. 41

COMPOSIÇÃO 1917 / 1920

ESTREIA Dresden, 10 de fevereiro de 1920

DURAÇÃO c. 48 min.

Nascida em Budapeste, em 1885, com o nome de Maria Theodora Paulina Pejačević e o título de condessa, filha do conde Teodor Pejačević von Verőcze, um político influente que chegou a ser nomeado vice-rei da Croácia e Eslavónia entre 1902 e 1905, e da baronesa húngara Elisabeta Vay de Vaja, conhecida pelas suas *soirées* musicais, onde cantava peças de autores contemporâneos e, aparentemente, também de sua autoria. Dora Pejačević cresceu no castelo de Našice, na Croácia, propriedade da família paterna. Dotada de enorme veia inventiva e curiosidade musical, aprendeu piano, violino e composição e foi absorvendo vários estilos e influências de forma cosmopolita, sem ser devedora de uma linha estética única. Publicou a primeira peça musical aos 14 anos e aos 17 inscreveu-se no conservatório de música de Zagreb, para onde a família se mudara temporariamente. Em 1907 foi para Dresden para prosseguir os estudos de música e aí permaneceu durante dez anos, com uma passagem por Munique em 1911.

Foi aos 22 anos que começou a publicar as suas obras, sob o nome D. Pejacsevich, cuja grafia revela duas preocupações: esconder o género da compositora, evitando juízos pré-formados, e retirar o carácter regional ao apelido, que na sua

forma germanizada facilitava o acesso a um público potencialmente universal. As suas peças foram recebidas com muito agrado. Dora Pejačević é uma das compositoras que conseguiu fazer a passagem do espaço privado – os salões aristocráticos – para o espaço público e o circuito comercial das salas de concerto: só na Alemanha, as suas peças foram tocadas 16 vezes em vida, em programas com compositores como Mozart, Liszt e Saint-Saëns. Da sua produção musical, ainda não conhecida na totalidade, fazem parte obras para orquestra, música de câmara, piano solo e canções para voz e piano, órgão ou orquestra.

Pejačević interessou-se por política e filosofia. Por intermédio de uma amiga em comum, travou amizade com Rainer Maria Rilke, sobre cujos textos musicou quatro canções, os *Mädchengestalten* (1916). Faz também canções com textos de Karl Kraus e Friedrich Nietzsche, cuja obra lhe interessava particularmente. Quando estala a Primeira Guerra Mundial, refugia-se em Našice e torna-se enfermeira de guerra. Esta experiência marcou-a profundamente. Liga-se às ideias do socialismo, questiona a sociedade estratificada por classes e dá-se conta da injustiça do seu privilégio. Rompe relações com a família e dedica-se com afinco à composição, exigindo de si própria

viver do seu trabalho. É justamente nesses anos que escreve muitas das suas melhores obras, como o Concerto para Piano, estreado em 1915 no Teatro Nacional de Zagreb – o primeiro concerto para piano da Croácia.

A Sinfonia em Fá sustenido menor, op. 41, à qual Pejačević se referia como a sua maior obra, foi escrita em 1917. A estreia estava programada para 1918, no Musikverein de Viena, mas a falta de ensaios devido à guerra fez com que fossem tocados apenas os dois andamentos intermédios. A 10 de fevereiro de 1920, foi estreada na sua versão integral no Gewerbehaus de Dresden, pela Filarmónica de Dresden, sob direção de Edwin Lidner, convenientemente indicada no programa como sendo de D. Pejacsevich, num concerto com uma peça de Max Schilling e a abertura do *Navio Fantasma* de Richard Wagner. A obra, marcadamente romântica (em contraste com a maioria das suas obras para piano, em linguagem mais modernista), foi acolhida com grande sucesso. O famoso maestro Arthur Nikisch interessou-se pela sinfonia e planeou dirigi-la em 1922 no Gewandhaus de Leipzig, onde era maestro titular, mas morreu poucos dias antes da estreia.

Esta oportunidade perdida foi um ponto de viragem. Com o fim da guerra, tinham começado os anos da inflação imensa. Os títulos nobiliárquicos tinham sido abolidos e a aristocracia era perseguida. A Eslovénia, a Croácia e a Sérvia tinham declarado a sua independência e fundado o reino da Jugoslávia. Milícias de desertores do exército aterrorizavam as populações e em 1919, Našice chegara

a ser ocupada. A situação era caótica. Sem um diploma que lhe permitisse ensinar, pois toda a sua educação fora feita de forma privada e mesmo em Zagreb nunca ambicionara um certificado, e com súbitas críticas públicas pelo facto de ser mulher (o seu segredo fora revelado devido à publicidade feita para a planeada estreia no Gewandhaus), é possível que a compositora tenha tido de tomar decisões difíceis. Casou em setembro de 1921, aos 37 anos, com Ottomar von Lumbe, um homem em tudo o seu oposto: militar de carreira, sem qualquer interesse por música ou humanidades, sete anos mais novo, mas irmão de Rosa Lumbe-Nadota, com quem Pejačević mantivera uma relação amorosa durante anos.

A sinfonia começa com um *Andante maestoso*, que introduz de forma solene o *Allegro con moto*: forma sonata, com um primeiro tema inquieto nas cordas, seguido de um segundo tema mais lírico, anunciado nas trompas. Após um curto desenvolvimento e uma reexposição compactada, o andamento termina de novo em *Andante maestoso*, e a sonoridade envolvente do romantismo tardio.

O segundo andamento é um *Andante sostenuto* que começa com uma passagem a solo do corne inglês. As linhas melódicas vão-se entrelaçando e criando uma textura densa, num lirismo intenso e labiríntico, que é interrompido pela retoma do tema inicial, agora no clarinete baixo e ainda mais nostálgico. Segue-se a coda, e termina com o mesmo corne inglês do início. O terceiro andamento é um *Scherzo – Molto allegro*, de carácter mais leve e dinâmico, com o Trio característico e um uso apurado de cor orquestral

à qual não falta o xilofone. A sinfonia termina com o *Allegro appassionato*, em que Pejačević mostra de forma magistral o seu sentido dramático, doseando de forma hábil momentos de tensão e acalmia, culminando em final catártico, nesta que pode sem dúvida ser considerada uma das grandes obras do romantismo tardio.

Dora Pejačević morreu aos 37 anos, na sequência de complicações pós-parto. A seu pedido, foi enterrada no jardim do castelo familiar, fora do mausoléu da família. Ainda durante a gravidez, deixara ao marido uma carta pedindo que, caso não sobrevivesse ao parto, a criança fosse entregue à irmã deste, Rosa Lumbe-Nadota, e que fosse educada para desenvolver todas as suas capacidades: “Trata-a de forma igual,

quer seja um rapaz ou uma rapariga. Todo o talento, todo o génio, requer consideração igual, independentemente do género”. Não foi esse o entendimento do viúvo, que entregou o menino à sogra e emigrou para os Estados Unidos, deixando inacessível toda a obra da compositora, remetida ao mais profundo esquecimento. Foi só em 1972 que Ottomar von Lumbe entendeu entregar o espólio de Dora Pejačević ao Instituto de Música de Zagreb. Muitas partituras e um álbum de recortes documentando todo o seu percurso encontram-se na Universidade de Música e Artes Performativas de Viena. Os objetos pessoais, guardados durante décadas num baú fechado, estão agora no museu da cidade de Našice, junto ao castelo onde Dora Pejačević cresceu.

NOTAS DE INÉS THOMAS ALMEIDA

## Tianyi Lu

Tianyi Lu é internacionalmente reconhecida pela sua energia empolgante e pela sua criatividade interpretativa. Depois de, em 2020, ter vencido o Concurso Internacional Sir Georg Solti e o Concurso Internacional Guido Cantelli, foi nomeada Maestra Residente da Sinfônica de Stavanger, na Noruega, lugar que ocupou até ao fim da temporada 2023/24. Foi Maestra Principal da St Woolos Sinfonia, no Reino Unido, até 2024, e Maestra Assistente da Sinfônica de Melbourne (2017-2019).

Em 2021, como *Dudamel Fellow*, estreou-se no Hollywood Bowl, com a Filarmônica de Los Angeles. Regressou em 2023 para se estreiar no Disney Hall. Em 2024/25 estreou-se nos *BBC Proms*, em Londres, com a Sinfônica da BBC e a violoncelista Sol Gabetta. Estreou-se também à frente da Filarmônica de Nova Iorque, da Sinfônica de San Diego, da Deutsches Symphonie-Orchester Berlin, da hr-Sinfonieorchester Frankfurt e da Staatsorchester Stuttgart.

Comprometida com a diversidade, a equidade e inclusão e com a construção de um mundo mais empático através das artes, Tianyi Lu integra o Conselho de Administração do Royal Welsh College of Music and Drama e é Artista Embaixadora da *Opera for Peace*. Tianyi Lu nasceu em Xangai, na China, mas cedo viajou para a Nova Zelândia, onde se naturalizou. Em 2015 concluiu o seu Mestrado em Direção de Orquestra no Royal Welsh College of Music and Drama. Participou em *masterclasses* com Andrew Davis e Xian Zhang, com a Sinfônica de Melbourne e Daniele Gatti, com a Orquestra do Concertgebouw de Amesterdão e Bernard Haitink, e com a Orquestra do Festival de Lucerna. Frequentou também o Hart Institute for Women Conductors, na Ópera de Dallas. Outros professores e mentores incluem Sian Edwards, Carlo Rizzi, Neemi Järvi, Alexander Polianichko, Kenneth Kiesler, Carlo Montanaro e Alice Farnham.

## Jay Campbell

O violoncelista Jay Campbell explora um largo e diversificado universo musical. Tem sido reconhecido pela abordagem de repertório antigo e moderno, com a mesma curiosidade e comprometimento, tendo as suas atuações sido consideradas “eletrizantes” pelo *The New York Times* e “delicadas, pungentes e profundamente comoventes” pelo *The Washington Post*.

Único músico que recebeu duas bolsas de estudo Avery Fisher Career Grants, como solista (2016) e como membro do JACK Quartet (2019), estreou-se em concerto com a Filarmônica de Nova Iorque em 2013. Em 2016 trabalhou com Alan Gilbert nos concertos *Ligeti Forward*, integrados na *New York Philharmonic Biennale*, no Metropolitan Museum of Art. Em 2017 foi Artista Residente no Festival de Lucerna, onde estreou o concerto para violoncelo *Das Ding Singt*, de Luca Francesconi.

Em 2018 apresentou-se com a Deutsches Symphonie-Orchester, na Philharmonie de Berlim. Gravou concertos para violoncelo de George Perle e Marc-André Dalbavie, com a Sinfônica de Seattle. Em 2022 regressou à Filarmônica de Los Angeles para estreiar dois concertos, de Wadada Leo Smith e Inti Figgis-Vizueta. Em 2023-2024, estreou o concerto *Reverdecer*, de Andreia Pinto Correia, com a Orquestra Gulbenkian.

Um dos principais interesses artísticos de Jay Campbell é a colaboração com os novos músicos criadores, tendo trabalhado com Catherine Lamb, John Luther Adams, Marcos Balter ou Tyshawn Sorey, entre muitos outros. A sua associação com John Zorn deu origem a dois discos com novas obras para violoncelo, nomeadamente *Hen to Pan* (2015) e *Azoth* (2020). Como músico de câmara, Jay Campbell é violoncelista do JACK Quartet, do Junction Trio, com o violinista Stefan Jackiw e o pianista Conrad Tao, e do coletivo multidisciplinar AMOC.

# Orquestra Gulbenkian

Em 1962 a Fundação Calouste Gulbenkian decidiu estabelecer um agrupamento orquestral permanente. No início constituído apenas por doze elementos, foi originalmente designado por Orquestra de Câmara Gulbenkian.

Ao longo de mais de sessenta anos de atividade, a Orquestra Gulbenkian (denominação adotada desde 1971) foi sendo progressivamente alargada, contando hoje com um efetivo de cerca de sessenta instrumentistas, que pode ser expandido de acordo com as exigências de cada programa. Esta constituição permite à Orquestra Gulbenkian interpretar um amplo repertório, do Barroco até à música contemporânea. Obras pertencentes ao repertório corrente das grandes formações sinfónicas podem também ser interpretadas pela Orquestra Gulbenkian em versões mais próximas dos efetivos orquestrais para que foram originalmente concebidas, no que respeita ao equilíbrio da respetiva arquitetura sonora.

Em cada temporada, a Orquestra Gulbenkian realiza uma série regular de concertos no Grande Auditório, em Lisboa, em cujo âmbito colabora com os maiores nomes do mundo da música, nomeadamente maestros e solistas. Atua também com regularidade noutros palcos nacionais, cumprindo desta forma uma significativa função descentralizadora. No plano internacional, a Orquestra Gulbenkian foi ampliando gradualmente a sua atividade, tendo efetuado digressões na Europa, na Ásia, em África e nas Américas. No plano discográfico, o nome da Orquestra Gulbenkian encontra-se associado às editoras Philips, Deutsche Grammophon, Hyperion, Teldec, Erato, Adès, Nimbus, Lyrix, Naïve e Pentatone, entre outras, tendo esta sua atividade sido distinguida, desde muito cedo, com diversos prémios internacionais de grande prestígio. O finlandês Hannu Lintu é o Maestro Titular da Orquestra Gulbenkian.

## PRIMEIROS VIOLINOS

Claudia Bonfiglioli CONCERTINO\*  
Francisco Lima Santos 1º CONCERTINO AUXILIAR  
Maria Balbi 1º SOLISTA  
Pedro Pacheco  
Alla Javoronkova  
Ana Beatriz Manzanilla  
Elena Ryabova  
Maria José Laginha  
Otto da Casa de Pereira  
Catarina Ferreira  
Catarina Resende  
Margarida Queirós  
Félix Duarte  
Luciana Cruz  
Flávia Marques\*  
Rosa de Sá\*

## SEGUNDOS VIOLINOS

Anna Paliwoda 1º SOLISTA  
Zachary Spontak 1º SOLISTA  
Piotr Rachwał 1º SOLISTA  
Paula Carneiro 1º SOLISTA\*  
Jorge Teixeira 2º SOLISTA  
Tera Shimizu  
Stefan Schreiber  
Ana Isabel Malheiro  
Gonçalo Melo  
Bernardo Barreira  
Ricardo Vieira  
Mariana Moita\*  
Inês Marques\*  
Francisco Ferreira\*

# Orquestra Gulbenkian

## VIOLAS

Samuel Barsegian 1º SOLISTA

Lu Zheng 1º SOLISTA

João Tiago Dinis 2º SOLISTA

Nuno Soares

Sara Moreira

Artemis Balkiz

Joana Silva

Micaela Miranda

Milan Radocaj\*

João Barata\*

Márcio Furtado\*

## VIOLONCELOS

Marco Pereira 1º SOLISTA

Emeraude Bellier 1º SOLISTA

Martin Henneken 2º SOLISTA

Raquel Reis

Jeremy Lake

Leonor Moniz

Pedro Massarrão\*

Alessio Cunha\*

## CONTRABAIXOS

Pedro Vares de Azevedo 1º SOLISTA

Domingos Ribeiro 1º SOLISTA

Manuel Rêgo 2º SOLISTA

Marine Triolet

Luís Ferreira

André Filipe\*

## FLAUTAS

Cristina Ánchel 1º SOLISTA

Sónia Pais 1º SOLISTA

Amalia Tortajada 2º SOLISTA

Natália Monteiro 2º SOLISTA\*

## OBOÉS

Pedro Ribeiro 1º SOLISTA

Nelson Alves 1º SOLISTA

Alice Caplow-Sparks 2º SOLISTA

CORNE INGLÊS

## CLARINETES

Iva Barbosa 1º SOLISTA

Telmo Costa 1º SOLISTA

José María Mosqueda 2º SOLISTA

CLARINETE BAIXO

## FAGOTES

Ricardo Ramos 1º SOLISTA

Vera Dias 1º SOLISTA

Raquel Saraiva 2º SOLISTA

CONTRAFAGOTE

Gad Lederman 2º SOLISTA\*

## TROMPAS

Luís Duarte Moreira 1º SOLISTA

Pedro Fernandes 2º SOLISTA

Antonia Chandler 2º SOLISTA

Daniel Canas 1º SOLISTA\*

Nelson Silva 1º SOLISTA\*

Maria João Sousa 2º SOLISTA\*

Ema Morais 2º SOLISTA\*

## TROMPETES

Carlos Leite 1º SOLISTA

José Pedro Pereira 2º SOLISTA

Jorge Pereira 1º SOLISTA\*

Ricardo Vitorino 2º SOLISTA\*

João Moreira 2º SOLISTA\*

## TROMBONES

Sergi Miñana 1º SOLISTA

Rui Fernandes 2º SOLISTA

Thierry Redondo 2º SOLISTA

TROMBONE BAIXO

## TUBAS

Amílcar Gameiro 1º SOLISTA

Elmano Pereira 1º SOLISTA

## TIMBALES

Rui Sul Gomes 1º SOLISTA

## PERCUSSÃO

Abel Cardoso 2º SOLISTA

Tomás Rosa 2º SOLISTA

José Afonso Sousa 2º SOLISTA\*

## HARPA

Beatriz Cortesão 1º SOLISTA

## PIANO

Inês Mesquita 1º SOLISTA\*

\* Instrumentista convidado

---

## COORDENAÇÃO

António Lopes Gonçalves

## PRODUÇÃO

Américo Martins

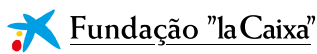
Marta Ferreira de Andrade

Pedro Canhoto

Fábio Cachão

Inês Nunes

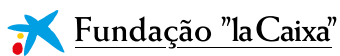
A cultura mostra-nos o mundo. Fala-nos de nós próprios. Do que fomos e do que seremos. E ensina-nos a ser melhores. Como pessoas e como sociedade. É por isso que no BPI e na Fundação "la Caixa" estamos comprometidos a aproximá-la de todas as pessoas. Onde quer que estejam. Isto é acreditar na cultura. **Isto é crescer com a cultura.**



# Apoiamos *a cultura* para *melhorar* *a sociedade*



MECENAS  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIO GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICAS DO MUNDO



MECENAS  
CONCERTOS PARA PIANO E ORQUESTRA



MECENAS  
CICLO DE PIANO



De acordo com o compromisso da Fundação Calouste Gulbenkian com a sustentabilidade, este programa foi impresso em papel produzido a partir de florestas plantadas com gestão sustentável.

